12 PAGINAS — NUMERO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

(Reconstituição inédita feita no proprio local momentos depois do combate pelo nosso desenhador que a ele assistiu).

NA MADRUGADA TRAGICA DE 19 DE ABRIL

O encontro das vedetas na Rua da Escola Politecnica

Na manhã de 19 de abril as vedetas das forças fieis bateram-se bravamente contra as avançadas dos revoltosos do Parque Eduardo VII — combate que foi decisivo. Aquelas pouco depois tomavam de assalto o acampamento revolucionario.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 15
LISBOA 26 DE ABRIL DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

PHANTASIA SCENICA, LEVEMENTE CINICA, E MUITO SÓNICA

(ARGUMENTO)

NOVO TEATRO.—Magica em um acto
ou dois ou mesmo mais se for preciso.
(Foi á scena na Bica do Sapato
ás zero horas do dia de juizo.)

Personagens;—Um cego, um visionario,
um bumbo, um jornalista, uma cadeira,
trez ou quatro fragmentos de emprezario,
e cinco peças de serapilheira.

Scenario:—Uma salêta na Avenida
toda pintada de óca e alvaiade;
janelas para um bêco sem saída;
portas que chiam muito.
—Actualidade.—

Assim que entra o primeiro espectador
ouvem-se as trez pancadas de Molière,
vindo á bocca de scena um director
talhar a canivete uma colher.

Se depois do primeiro entrar segundo,
o cego põe o bumbo no proscenio:
vem logo o jornalista pelo fundo
bate no bumbo e diz:—«Eu sou um genio.»—

Todos aplaudem calorosamente
e ele repete:—«Um genio!»—erguendo um dêdo
Do ceu, (aos trambulhões) cahe Gil Vicente
que vem mamando um limãosinho azêdo.

Montado n'uma canna, o visionario
vem a correr mandar cantar o cego
e pega nos fragmentos de emprezario,
que vae, á esquerda baixa, pôr num prégo.

As cinco peças de serapilheira
desenrolam-se então com magestade
indo formar em torno da cadeira
um halo circular de divindade.

Na cadeira se senta o jornalista
que, vendo Mestre Gil aos trambulhões,
lhe acalma o phrenesi malabarista
dizendo apenas:—«Tóma lá pinhões . . .»—

Nesta altura, entusiasmo delirante.
Avança um dirigivel de oxygenio
no qual o jornalista, num rompante
se instala, repetindo:—«Eu sou um genio.»—

A seguir ha uma ceia de homenagem.
(Ouve-se ao longe um relinchar de potros)
Reina o «box»; ha «Knock-out» sob a linhagem.
Ficam todos a olhar uns para os outros.

Cada um diz o que lhe vem á Ideia.
E quem a não tiver, com um abano
põe-se a abanar uma fornalha cheia
de terra, cinza, e nada.
—Cahe o Panno.—

TAÇO

INICIAÇÃO

Num gabinete reservado:
— Ele: a sr.ª faz-me lembrar uma mulher que eu amei muito.
— Ah! seu pandêgo . . .
— Era a minha avó . . .

questão prévia

No passado domingo, á hora em que os leitores deveriam estar a saborear, entre o café e a torrada, os versos, as prosas e as ilustrações do nosso ultimo numero, se os carteiros e os vendedores tivessem podido livremente circular pelas ruas, a essa hora habitualmente calma, dizia eu, estava a dirimir-se na Rotunda, consagrado «stadium» dos desportos politicos, mais um desafio, que desta vez revestiu um caracter acentuadamente militar.

Disputava-se, como é de uso em tais encontros, a apetecida taça «Poder» e coube o «goal» da victoria ao «onze» representativo do Governamental Club, em cuja posse a taça disputada se encontrava ha já alguns meses.

O que interessa á cronica neste «match», que durou desde a tarde de sabado até á manhã de domingo, é a atitude do publico, que se alheiou das fases do jogo, esperando o mais impassivelmente que lhe foi possivel que ele terminasse, limitando-se a agachar-se instintivamente sempre que a bola vinha na direcção das bancadas e a dirigir mentalmente a sua prece á potestade que superintende na trajectoria das granadas, rogando-lhe que as fizesse rebentar em terras «onde não cresce pão, nem vinho, nem flôr de rosmaninho».

Infelizmente nem sempre a prece foi atendida e algumas vidas foram imoladas á insensatez que se permite regar de metralha uma cidade, cujos predios, na sua maioria, não resistem sequer a um dia de chuva intensa, quanto mais ao encontrão brutal duma granada.

* * *

O que ficou provado é que já não ha ambiente para revoluções e que ao cabo de quinze anos de sedições e sarrafuscas Lisboa está cançada e já nem grita o seu terror, porque boceja de tedio, concordando com os seus mais intimos botões em que é bem doloroso e perfeitamente dispensavel que as pessoas que tomam a peito salvar o país comecem a sua pretensa obra redentora por nos matar os parentes, os amigos ou os visinhos.

Era de vêr como a população lisboeta andou na rua até aos primeiros tiros e como para a rua voltou a agenciar a vida, quando as metralhadoras do ataque e da defeza ainda mal tinham enxugado nos canos o suor do combate.

Verificado, pois, que as revoluções carecem de ambiente moral, tratemos de as privar tambem do ambiente material. Para esse efeito disponho eu dum plano absolutamente planificador e para o qual me permito chamar a atenção da Camara Municipal, embora me peze sacudi-la do torpor administrativo que é timbre dos municipios.

Tratar-se-hia de lançar entre a população da capital um emprestimo para custear a terraplanagem do parque Edurdo VII, destruindo-lhe a caprichosa orografia que permite transformar, de vez em quando, aquele futuro aprazivel local de recreação numa ex-floresta da Argonne, sem arvores. Arrazadas as trincheiras arrazado o môrro a que já chamam historico, posto todo o parque como a palma da mão, ficar-nos-ia a certeza de que em vez de muares e soldados de artilharia ali encontrariamos sempre amas nédias e bébés rochunchudos, passeiando-se e brincando ao sol, por entre as «pelouses» verde-esmeralda, o que constitue, sem duvida, um espectaculo bem mais interessante e bem mais digno duma cidade que conta para cima de meio milhão de almas.

Estou convencido de que Lisboa não deixaria de cobrir o emprestimo destinado a arrazar o famoso môrro historico, porque cada um de nós, lisboetas, não deixaria de considerar, evocando as granadas, que «morrer por morrer, morra o môrro que é mais velho!»

Infelizmente não tenho uma grande fé no bom acolhimento do meu plano e estou já a ver a Camara, poupando-se a despezas e a maçadas, limitar-se a pôr nas entradas do Parque Eduardo VII umas taboletas, com o distico: «E' proibido o transito de revolucionarios por esta rua».

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

novo ministerio francez organisou-se mais depressa de que muitos julgavam; resta, porêm, saber quanto tempo durará no palco politico francez.

Ha quem lhe prophetise vida curta, ephemera mesmo. Talvez sejam os simples pessimistas... Os dias que se aproximam dar-nos-hão algumas indicações a esse respeito.

Mas frisemos que são muito insistentes as vozes que o classificam de méro «bouche trou»—tapa-buraco—destinado a preparar a sucessão ao sr. Briand.

E não só na França vozes assim se manifestam, mas tambem na Inglaterra, onde sempre muito de perto se acompanha os factos politicos d'aquem Mancha.

* * *

Bem sabemos que individualmente cada orgão da imprensa não revela senão uma faceta da opinião publica; é possivel, comtudo, que tende muito a generalisar-se o seguinte modo de pensar do sr. Marcel Cachin, o fogoso deputado socialista:

«Eis uma nova equipe ministerial. Foi mal acolhida em geral e parece que a vida d'este gabinete será breve. E' formado pelos mais opostos elementos. Será de transição . . .»

E cita a seguir o nome do sr. Briand, o qual, aliás, ha perto dum anno se sente pairar no horizonte do Palais Bourbon.

* * *

Ao lado—pelo menos—da figura do senhor Briand, o outro vulto que mais se destaca, e a todos mais interessa, é o do sr. Caillaux, cuja entrada não deixou de causar certo entusiasmo nas esquerdas.

E todos perguntam: que fará o sr. Caillaux?

Ainda é cêdo para se responder, mas o que já se sabe é que as primeiras palavras que pronunciou fôram: «Quero manobrar á minha vontade; quero ser o senhor!»

. . . Será por isso que logo o chamaram o «dictador das finanças?»

* * *

Não podemos deixar de ter aqui duas palavras, duas só, mas profundamente sentidas, de profunda dôr e da mais humana repulsa, pelo crime hediondo que fez desabar a cupula da catedral de Sofia, sobre centenas de vitimas . . .

Ficará como gigantesca hora de sangue na historia.

Por emquanto ainda não se poude precisar bem quais fôram os autores; no entanto tudo leva a acreditar que as responsabilidades cabem ao partido agrario—comunista, que tanto tem agitado a Bulgaria.

. . . E, todavia, ha tantos anos que o espirito humano procura firmar a paz sobre a terra.

* * *

Será tambem por isso, e em homenagem ás modernas ideias de desarmamento, que a juvenil republica turca encarregou a Inglaterra de orientar a organisação e o aumento da sua frota.

E a Inglaterra aceitou essa missão.

A. ROCHA PEIXOTO

écos

A tragica noite de domingo, veiu, mais uma vez, provar a formidavel coragem da população de Lisbôa. Cerca das 8 horas e meia da manhã, quando a fuzilaria entre as patrulhas de revoltosos e de tropas fieis ao governo estava no seu auge, por baixo das nossas janelas avistamos, ao meio da rua uma ovarina, que tranquilamente, com a canastra cheia de peixe apregoava—»Quem quere carapau e besugo?»

E devemos confessar que tinha freguezia—pois mais adeante, sempre debaixo de fogo, uma fregueza discutia com ela, duma janela, o preço do peixe!

Se não vissemos não acreditavamos!

NÃO é agora ainda a ocasião de fazer a historia pitoresca da ultima revolução. No entanto chegam, sem politica, ao nosso conhecimento varios casos de gracioso aspecto.

Um democratico provinciano que viera ao Congresso do partido e que ao que parece estava pouco afeito á proximidade revolucionaria, foi, muito palido levado na onda até ao quartel do quartel do Carmo com muitos dos seus correligionarios. Alguem disse alto na sala dos oficiaes. «E' preciso definir atitudes.» Um deputado, para o nosso homem: Qual é a sua posição? O homem, baixinho: «Eu lhe digo sr. dr. Estou no hotel das Duas Nações, mas vou me raspar para o Cartaxo. . .»

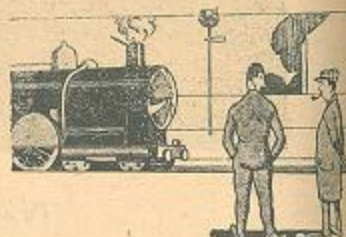
RECEBEMOS o 1.º numero do suplemento da «Contemporânea» que se apresenta magnificamente elaborado. Dirige-o José Pacheco e tanto basta para que seja um jornal do alto relevo grafico da revista que lhe deu origem.

O *Diario da Tarde* que está sendo dirigido pelo distinto jornalista V. Falcão e secretariado pelo escritor brilhante que é Julião Quintinha tem marcado já com grandes tiragens, uma situação de destaque na imprensa da tarde. Folgamos sempre com o exito que coroam iniciativas simpaticas como a do *Diario da Tarde*.

O *Diario de Lisboa*, continua suspenso, o mesmo sucedendo ao *Seculo*. E' muito imp... lar a situação que tal permite, sendo decerto grandes os motivos que levaram o governo a tão extraordinaria medida, pois de contrario não se compreende que assuma tão graves responsabilidades como a de fazer calar dois grandes orgãos de imprensa livre.

O Sr. Dr. Ruy Ulrich, eminente governador do Banco Nacional Ultramarino e, fóra de duvida, uma das figuras de mais solido prestigio moral na finança, fez, na Sociedade de Geografia, ha dias, uma conferencia que foi sobre todos os aspectos uma oração brilhantissima.

Com notavel elegancia de expressão e eloquencia, o Sr. Dr. Ulrich expoz e defendeu ao seu numerosissimo auditorio, onde estavam todas as grandes figuras portuguesas da politica, do comercio e da finança nacional, a orientação do Banco Ultramarino em face da situação de Angola.

RACI CINIOS

— Nos desastres ferro-viarios é sempre a ultima carruagem da cauda que sofre mais.
— Então porque não suprimiram já essa carruagem

«SAUDADE» — trovas de Beatriz Arnut (Lisboa, 192?).

Neste livro ha muitos versos e quasi nenhuma poesia. Acredito, no entanto, que ele foi escrito por uma poetisa; creio mesmo adivinhar uma alma lirica nas entrelinhas destas frases que rimam e que, por vezes, teem cadencia.

Mas que extraordinarios poetas, de elevada e purissima emoção, não haverá, perdidos no imenso mundo dos que não sabem compor versos?!

Estou convencida que a sentimentalidade da senhora D. Beatriz Arnut é a primeira a não vibrar perante o preciosismo poético da maioria das trovas que constituem o livro «Saudade». A sua alma deve estar de relações cortadas com a sua pena. Oxalá que a alma faça aquietar a pena ou que esta — hipotese muito preferivel — se resigne a ser escrava mais fiel da outra e aprenda a escrever por ali fóra, palavras claras, simples, que saiam directas do coração para o papel, sem se demorarem na garganta, a ensaiarem trinados delicodoces e gorgeios repenicadinhos . . .

Os «senões» que, sob o ponto de vista técnico ou estético, abundam neste livro, não são, porem, de molde a excluirem da arena literária o nome da autora, a quem seria benefica a leitura dos grandes liricos modernos, que lhe cultivaria o gosto e talvez lhe desse um maior poder de auto-critica.

A Senhora D. Beatriz Arnut só deve levar a bem a franqueza com que me refiro á sua obra, pois que se ela estivesse isenta de qualquer vestigio de talento e de vocação poética, eu não perderia tempo a ver em que consistiam os seus maiores defeitos. Amanhã, um outro livro desta senhora virá, com certeza, dar-me o prazer de lhe falar da minha admiração com a mesma sinceridade de que uso agora e que eu bem gostaria de encontrar sempre em todos os leitores das minhas próprias obras.

Tereza LEITÃO DE BARROS

CONCERTOS RUY COELHO

Realisa-se esta tarde, pelas 3 horas, em S. Carlos, o anunciado concerto em que Ruy Coelho faz ouvir a sua opera «Rosas de todo o ano» e se dá uma nova exibição do bailado «A princeza dos sapatos de ferro».

E' um espectaculo de Arte moderna e da musica mais portugueza que em Portugal se pode ouvir.

RECORDAÇÃO DA MOCIDADE...

— Então o gajo deu-te um tostão de gorgeta
— E' para fingir que está nos tempos da mocidade aqui ha dez anos atraz...

Crónica alegre

PENSAMENTOS

RARA é a semana em que mão conhecida não me traz uma folha de album com a costumada prece:

— Fazes favor?! Escreves aqui um pensamento qualquer! É um album que pertence a uma amiga da minha cunhada, que anda a fazer coleção!

E vá de vasculhar pela visinhança uma caneta de tinta permanente, a fim de alinhar duas filosofias sobre a virgindade do papel que, mais tarde, hade figurar como prenda de mostrar ás visitas e outros pássaros de arribação.

Isto de um pobre mortal abrir a caixa dos pensamentos logo á primeira chamada, é molestia que deu nas gentes ha muito ano.

Já o saudoso Afonso de Bragança dizia que com tanto album que lhe apresentavam, ainda arranjava uma manifestação de «albumina». Não ha menina casadoira nem prima em quinto grau de rapaz ás letras feito, que não tenha, de cambulhada com meia duzia de conchinhas e quatro flores secas, o competente catalogo de pensamentos alheios. Creio que o album faz parte do enxoval dos dezoito anos ou então, é mania crónica que deu e dá em todas as mocidades mais ou menos esperançosas.

Ora, tendo em atenção que fica mal a uma pessôa não ter à unha qualquer droga em prosa, com que alimente o fogo sagrado da maleita, deu-me para ofertar aos leitores uma porção de pensamentos conceituosos, certo de que aqueles que por vezes ordenham os miolos sem encontrar pinga de frase, saberão agradecer-me, tanto mais, que os cedo sem condição alguma.

O cavalheiro ou a cavalheira que entender espetar algum no primeiro leque ou album a geito, pode estampar-lhe por baixo a assinatura como seu, que, por cima não hade a terra subir fóra das leis do espaço nem o jantar me fugirá das horas costumadas.

E posto isto escolha a leitora dos pensamentos que seguem, o que mais lhe quadre ao feitio e decore-o, para em ocasião de aperto, poder escrever de sua justiça:

Dois homens estão sempre de acordo quando um terceiro paga o jantar.

Há mulheres que teem filhos de proposito para jurar pela bôa sorte d'eles.

Não ha elegancia que resista a uma carga d'agua.

Quando quizeres fazer uma obra de caridade, abre uma subscrição.

Os outros dão o dinheiro, tu fazes figura e ainda ganhas uns mil reis.

Quem casa não pensa, quem pensa não casa e quem pensa na casa, não casa o que pensa.

Se perderes um comboio não julgues que quem o encontrou t'o vai entregar.

Faze o bem não olhes a quem. Mas sempre é bom pedir um fiador estabelecido.

A mulher nunca acredita em quem lhe fala verdade.

Pensar é a peor maneira de gastar o tempo.

Em coisas de amor, o homem deve apenas ver a mulher á superficie para não ter a desilusão de não lhe encontrar nada dentro.

O homem usa a palavra de honra como quem usa uma bengala. Ambas se devem respeitar e principalmente se aparecem ao mesmo tempo.

O tempo que se gasta a trabalhar, faz muitas vezes falta a outra coisa mais util.

Se não disseres aos outros que tens talento, eles não darão nunca por isso.

Ha homens que gostam muito de creanças, sobretudo se elas teem irmãs crescidas ou a mamã ainda é qualquer coisa.

Quem fuma charuto tem direito a falar mais alto do que os outros.

A mulher não gosta de ter filhos só para não lhe chamarem mãe.

Todos os dias mata-se um homem por causa d'uma mulher. Todos os dias dez mulheres tentam matar-se por causa de cem homens.

O amor é como as estrelas: De baixo ninguem lhes chega e a cima não vai ninguem.

Aos vinte anos o amor produz tumores que quasi sempre rebentam em livros de versos ou n'uma anemia geral.

A mulher serve para tudo. Até para casar.

O homem é como a cebola: Quando o picam faz chorar.

Há homens para quem as mulheres são como certos compartimentos reservados dos comboios: Está lá sempre outro.

As mulheres são como as espingardas: Quanto mais seguras, maior é o coice.

Nunca é dificil encontrar um amigo, como quando se precisa cem mil reis.

O homem é ridiculo quando se parece com as mulheres.

Dos quarenta anos em diante o amor dos homens tem livro de ponto.

O maior número de divorcios é fornecido pelos casamentos d'amor.

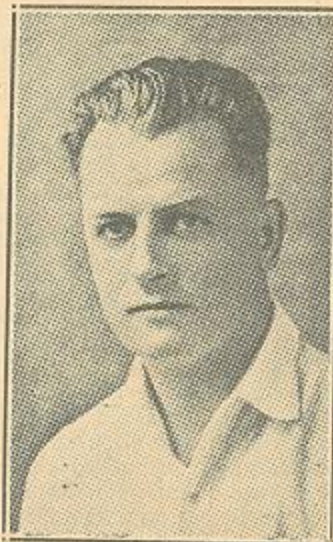
As mulheres que querem parecer homens começam sempre por não uzar calças.

Não cedas a ninguem o teu lugar no carro. Se o fizeres terás de ir em pé e nem por isso o conductor te leva mais barato pelo bilhete.

O peor inimigo do homem é o amigo.

O homem é tão parvo que até nem nasceu mulher.

HENRIQUE ROLDÃO

Cinemas

RÉGINALD DENNY o mais interessante dos galãs desportivos americanos, interprete do papel de Kid Robert «O Boxeur aristocrata», o exito do «Condes»

BABY PEGGY cinco anos, uma fortuna e um grande talento de actriz cinematografica a triunfadora desta semana no film «A Lei Prohibe»

CAMPEONATO DE LISBOA

QUEM VENCERÁ HOJE?

SOPORTING? BEMFICA?

INCLINAMO-NOS PELOS "LEÕES"

O jogo desta tarde no campo de Palhavã que coloca face a face o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa não tem influencia alguma para o efeito da classificação do vencedor da primeira divisão, visto que ela está já apurada.

O Sporting Club de Portugal que iniciara pessimamente a época, terminando a primeira volta do campeonato em terceiro logar, conseguiu na segunda volta, mercê dum esforço para louvar, duma persistencia tenaz, chegar ao setimo encontro com um total de 11 pontos, que nenhum club pode já, sequer egualar.

Está portanto virtualmente apurado que o campeão da 1.ª divisão do presente campeonato, que é, como se infere, o Sporting Club de Portugal.

Pode, todavia, supôr-se que o desafio de hoje entre o Sporting e o Bemfica, que é o ultimo da 1.ª divisão desta época, não tem interesse para a massa desportiva?

Puro engano!

O Sport Lisboa e Bemfica, o mais popular club de Lisboa, aquele que possue o condão de electrisar as grandes aclamações de publico em tardes entusiasticas de esplendor e gloria, terminou tambem a primeira volta mercê duma grande infelicidade que sempre o acompanhou nos primeiros jogos, em penultimo logar, apenas com 2 pontos, dum triunfo, aliás clarissimo, sobre o Vitoria, de Setubal de 6 bolas a 0.

Na segunda volta esforçando-se tenazmente ele conseguiu já três belas vitorias sobre o Casa-Pia, Belenense e Vitoria e se conseguir bater hoje o Sporting ficará em segundo logar, se tomarmos em consideração o *goal-average*.

Por sua vez os *leões* terão a preocupação de não se deixarem vencer, porque não faz sentido que o vencedor da primeira divisão saia batido no seu ultimo encontro oficial por um club que ao terminar a primeira volta entrevia a dura possibilidade de ter de defrontar-se com a segunda divisão e mesmo caír do seu pedestal de honra, que a divisão dos eleitos.

Por tudo isto se verá o que será o jogo desta tarde; e se acrescentarmos que tanto os *leões* como os *vermelhos* são os mais velhos e discretos rivais no jogo da bola, teremos que o jogo de hoje será daqueles que marcam exuberantemente na historia do foot-ball lisboeta.

Quem vencerá, pois?

É dificil o prognostico.

O Bemfica possue talvez uma linha avançada mais rapida e melhor combinada, tendo ainda nas rêdes um guardião que se tem afirmado em grande forma.

Por sua vez o Sporting tem uma excelente parelha de defezas e um trio intermediario que se entende à maravilha, quer defendendo, quer atacando.

Ajunte-se a isto que no quinteto avançado alinham homens, como Ramos, João Francisco e Jaime Gonçalves, que são perigosissimos autores de «raids», aqueles famosos «raids» que têem por vezes sido o mais belo plinto onde têem assentado algumas grandes e indiscutiveis vitorias dos leões.

A nossa opinião, contudo, é que, apezar de ter no ultimo jogo que efectuou com o Coruña demonstrado uma «fórma» bastante precaria, o Sporting sairá vencedor da contenda, embora por pequena diferença de bolas.

É esta a nossa opinião. E quem viver mais umas horas, vai ter ocasião de vêr se nos enganámos nos nossos vaticinios.

BOX

POR F. GUEDES

Temos em nosso poder uma bela cronica de F. Guedes, nosso colaborador, sobre os ultimos combates. Dala-hemos no proximo numero por já nos ter chegado ás mãos depois da paginação do jornal.

BREVEMENTE

a Novela do Domingo

Uma grande victoria para o hipismo português no Campeonato de Nice

Ivens Ferraz, Moraes Sarmento e Helder Martins classificam-se explendidamente

UMA ENTREVISTA COM O BRILHANTE CAVALEIRO SILVEIRA RAMOS SOBRE A NOSSA REPRESENTAÇÃO

O hipismo português acaba de alcançar um brilhantissimo exito em Nice, onde ao lado de concorrentes de todos os paises e de todas as escolas o nome de Portugal foi nobremente erguido pelos admiraveis cavalheiros que nos representavam.

Em todos os «sports» individuaes—a esgrima, o hipismo—Portugal marca sempre um grande lugar.

Já quando haja equipes a selecionar, ou quando haja a necessidade de realisar treinos colectivos, não dizemos o mesmo. A parecia logo o espirito de favoritismo nas organisações e o espirito de pandegata nas missões de a realisar. Vejam-se os desastres do foot-ball, e os casos em que os atiradores portugueses, com polvora antiga, deixavam os seus tiros a meio caminho dos alvos, num celebre concurso de Espanha.

Desta vez porem, os cavaleiros portuguêses—e mais até—os cavalos—marcaram com honra o seu lugar.

* * *

Quizemos ouvir sobre a organisação da equipe um dos grandes «azes» da nossa cavalaria—Silveira Ramos. O distinctissimo profissional e uma das capacidades mais em destaque no meio hipico recebeu-nos no picadeiro da Escola de Educação á Rua da Escola Politecnica.

—Diga-nos, como acha V. Ex.ª que foi organisada a equipe que representa Portugal no concurso de Nice?

—Optimamente. Os cavalheiros portugueses que ali foram são evidentemente excelentes calções que aqui já marcaram. Ivens Ferraz, que mais se evidenciou, no «Roussi», ganhando em 1.º premio, já, nos concursos do Norte, vinha classificado muito bem.

Morais Sarmento e Helder Martins, com as suas classificações em 6.º e 7.º lugares honraram-nos muito tambem.

—E. acha V. Ex.ª que não ficaram outros cavaleiros que podem ainda representar-nos melhor?

—Acho que estes são excelentes. A organisação foi toda do ministerio da guerra, feita por tecnicos respectivos e é até bom que novas massas vão aparecendo, o que prova que não é monopolio de poucos a gloria que acaba de cobrir os nossos homens.

—E as montadas?

—O «Roussi» de Ivens Ferraz é um cavalo de ferro «Palmela» — nascido em Portugal.

—Foi pois com exito?

—Um exito, sem duvida.

Tinha falado o vencedor da capa do Centenario de 913, em S. Sebastian, alguem pois que sobre o assumpto fornece excepcional auctoridade.

Os nossos eximios cavaleiros treinando-se para o Campeonato de Nice

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

Em verso embora mal feito
Voto na prima do Taço
A melhor no meu conceito
E' Amelia Rey Colaço

TETE DE NEGRE

A mais bela entre as belas,
Entre todas a primeira.
Mais gentil que todas elas
E' Auzenda de Oliveira!

A. CORREIA

Do salmão, peixe real,
Escolho sempre a melhor posta,
D'actrizes a principal,
E' p'ra mim a Laura Costa

CARMÔSO

E' a Auzenda um encanto
com os seus olhos sedutores,
é o maior dos primores,
capaz de tentar um santo.

A. M.

Toda a nossa actriz é linda
A Beatriz Batista, a Adelina,
A Aura Abranches, tambem.
Porém
De quem a minha alma mais gosta
E' da gentil Laura Costa!

SIANA

Para mim a mais formosa,
—Embora ela me não queira...
A mais gentil e graciosa
E' Auzenda de Oliveira!

M. LUCAS DE MELO

Vóto pela Laura Costa,
E tenho mesmo a certeza!
Que no fim d'este concurso
Sai Rainha da Beleza.

ARNALDO SILVA.

Rompeu a lua . . . em seu siderio manto
De lindo alvôr, apareceu emfim
O que eu sonhei em languido quebranto
Um rosto meigo lindo cherubim!

Eis embalado em seu olhar subtil
Todo o meu sêr inerte já se prosta
Ante um sorriso, indomito e gentil!...
Sois vós a mais formosa ó Laura Costa!

JOMENA

Cá para mim a «Frasquitinha»
A «Moreninha», a Auzenda emfim
E' mesmo uma bonequinha
E a mais linda para mim.

CARMEN DELGADO

Não ha quem tanto me encante
E meu espirito prenda,
Como a nossa galante
E sempre formosa Auzenda!!

B. CAMPOS

Não ha nada mais gracioso
Nem ha nada mais gentil
do que vêr a bela Auzenda
no seu traje pastoril

J. FERRÃO

Resurejei na sombra a escura selva
da natureza agreste e pictuitaria,
Qual epoptismo vil de colinaria
convulsionando os espiritos na relva!
E p'ra espalhar no mundo a estoica fama
do heterocio empirico no perigo,
subo da campa ao astro em que me abrigo,
voto na Amelia do Politeama!!!

FIO DE AZEITE

Actrizes! Quem as pretenda
E' que lhe agradam venenos
Mas... voto na «little» Auzenda
Ao menos... do Mal o menos.

LIVRA!

Vou votar tambem, ainda
que digam que é madureza,
Laura Costa é a mais linda
é pena não ser marqueza.

GABIRÚ

A Laura Costa é p'ra mim
A actriz que merece o voto
Porque uma beleza assim
Em outra cara não noto.

RUY MAGNO

Laura Costa vencerá
Com seu rosto fresco e belo
Porque a formosa Lálá
Mete a todas num chinelo.

ARTUR LOBO

o momento teatral

UMA POETISA NO TEATRO

Fernanda de Castro, auctora dos 'Naufragos'

Fernanda de Castro, o gentil espirito que escreveu a Ante-Manhã, as Danças de Roda, e a Cidade em Flôr, tentada pelo teatro, o grande actrativo luminoso e terrivel, terá nestes dias em scena no Nacional a sua primeira peça de teatro: «Naufragos.»

O que será a sua peça?

Duma senhora, em geral, pouco se espera no teatro. Foi seu próprio marido, Antonio Ferro, que uma vez, com espirito, disse: «uma mulher nunca fará uma peça — pode quanto muito fazer scenas»...

Ha manifesto exagero nesta frase de humorismo—e longe estava o seu auctor de que, de tão perto alguem viesse, com o mais belo sorriso e o mais real talento, desmentir-lhe o «chiste».

Com efeito, a intiligente cultura e bom senso estetico de Fernanda de Castro, ao que nos consta, produziram nos «Naufragos» senão uma obra de renovações e de revoluções scenicas, pelo menos uma honesta e sentida pintura local com equilibrada «charpente» dramática e elegancia literária notáveis.

O que decerto a peça da juvenil escriptora não tem, é esse caracter de «bordado a matiz» piegas e «possidonio» com que se enfeitaram certas glorias femininas do «almanaque das lembranças» e davam, «á priori», a todas as peças de teatro de mulheres o conceito preconcebido de terriveis estopadas....

Ainda o nosso concurso

Continua chegando ainda uma torrente inexgotavel de poesias! Nunca mais acabam os poetas! Nunca mais, sobretudo, emquanto houver sobre os palcos as lindas actrizes portuguezas.

No entanto, e visto que essa torrente ameaça eternisar-se, somos obrigados a fechar a sua aceitação inadiavelmente, afim de proceder á respectiva contagem de votos, no fim da proxima semana.

Continuam ainda, no mesmo terrivel pé de rivalidade, as duas «finalistas»

LAURA COSTA,

a gentil e encantadora Lálá e

AUZENDA D'OLIVEIRA

a preciosa bonequinha do S. Luiz.

QUEM VENCERÁ?

cá por dentro

— A epoca de verão no Eden será explorada com uma fantasia de André Brun.

— Lino Ferreira já não acompanha o grupo dirigido por José Ricardo e que fará os mezes de Julho, Agosto e Setembro no Brazil.

— Para a companhia que Gil Ferreira está organisando para o futuro Ginasio já estão contratados:

Palmira Bastos, Ofelia Brochado, Regina Montenegro, Henrique de Albuquerque, Silvestre Alegrim, Matos Reis e Pita Simões.

— A epoca de verão no Nacional, será inaugurada com a comedia a «Bisbilhoteira».

— Foram contratados para o grupo que Jose Ricardo leva ao Brazil, a actriz Dora Vieira e o actor Matos Reis.

— Intitula-se «O pobre Diabo» a nova magica que os Srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão estão trabalhando.

BREVEMENTE

As memorias do actor ROLDÃO

POR SEU FILHO HENRIQUE ROLDÃO

Quereis vós saber qual a actriz
Que vosso leitor mais gosta!...
Quem é que logo não diz
Ser a gentil Laura Costa!

MACA

Graça, encanto, vibração,
Vida e beleza, Num traço.
Na ribalta, portugueza,
Só encontro á Rei Colaço.

BANDARRA & EU

A artista mais galante
De que o publico mais gosta
A mais bela e insinuante
Digo que é a Laura Costa

MANUEL ALVES

Oh! vates deixae as musas
Não vos inspireis na lenda,
A unica Musa agora
E' a divinal Auzenda;

SHELL 3

De graça subtil, e rara formosura
Imagem de rainha, p'ra viver no paço
Extrema elegancia, cheia de finura
E' a grande actriz Amelia Rey Colaço

EDARG

A mais bonita, a mais linda,
Um «bijou» de graça infinda,
Zenith de gentileza
E uma voz de tal beleza?!
Não encontrei outra ainda
De entre tantas, com certeza!...
Assim tão linda!... tão linda!...

FRANCISCO BRANCO

A melhor cá para mim
Embora digam que não
Rey Colaço até ao fim
Ha de ter mais votação

SHEIK

Para mim a Laura Costa
E' a que tem mais beleza
Eu até fazia aposta
E ganhava com certeza.

ZIEDA

A actriz de maior encanto
Que existe na terra inteira
Capaz de perder um Santo
E' a Auzenda d'Oliveira

PIEDADE

Ante o altar da minha consciencia
o mais sinceramente um voto faço
Qu'em tal concurso, cheio de demencia,
S'imponha a nossa querida Rey Colaço.

CASIMIRO

Eu tenho quinze mezes
Sei escrever e falar
E como vou ao teatro
Quero p'la Auzenda votar.

SALOIO

Sem pintura ou pó de talco,
Faço aqui já uma aposta,
Quem pisa melhor o palco
E' a linda Laura Costa

ZÉSANTOS

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 12

Auzenda d'Oliveira	33 votos
Amelia Rey Colaço	14 »
Luiza Satanela	10 »
Laura Costa	31 »
Dulce d'Almeida	8 »

S. Carlos
Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Eri e toda a companhia.

Nacional
O abade Constantino com Chabi, e toda a companhia. Grande exito de sentimento. Enchentes.

S. Luiz
Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.
Grandioso exito de arte e elegancia.

Apolo
A aplaudida revista «Tirolio». Magnifico desempenho de toda a companhia.

Avenida
Fechado temporariamente. Brevemente estreia da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama
O grande exito «Masaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara.
Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Trindade
Tangerinas Mágicas — feeries e revistas, grande mágica de Eduardo Garrido Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

Coliseu
Fechado temporariamente

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Os dois cadaveres do Largo do Rato

O episodio d'hoje não tem infelizmente a fantasia das outras novelas. E' escripto á frente de dois cadaveres, em pleno terreiro do Largo do Rato, sob este sol glorioso e incerto de abril. O que se segue é a tradição oral da rua, recolhida sem fantasia literaria, sentida com a emoção sincera de quem viveu lado a lado com o povo, as grandes horas de tragedia que Lisbôa sofreu.

Os dois corpos que, na sangrenta madrugada de domingo, tombaram, de borco, numa poça de sangue, sobre uma valeta do Largo do Rato — têm uma historia. Aqueles dois cadaveres que ainda estão despidos sobre as mezas geladas da Morgue — sobre a mesma mesa! — esverdeados e rijos, loucamente pasmados um do outro, foram os corpos de dois grandes amigos!

Dois homens da ralé, duas boinas e ganga azul, dois humildes e anonimos filhos do povo—mas duas mãos leais que se apertavam sem reservas, fortes e amigas como poucas!

E, no emtanto,—o que é o Mundo!—o Antonio da Varina e o Joaquim dos Santos cimentaram essa estranha amizade que a morte tragicamente selou, numa scena de angue.

Foi preciso que alta noite, numa viela luarenta da Cascalheira, á volta dum bailarico de S. Pedro, se anavalhassem, ferro contra ferro, e á unhada, ao sôco, á dentada, os dois num molho viessem sobre a calçada resfolegando a poeira e o sangue, rasgados, perversos imundos e exanimes — para que se amassem como dois verdadeiros irmãos — filhos eguais da mesma carne!

* * *

O Antonio e o Joaquim dos Santos, eram rapazes da mesma creação.

E desde garotos, um na venda dos jornais, de pé descalço, outro aprendiz de oficina, se conheciam, e os olhos de

Ao soco, á navalha, á dentada os dois homens fizeram uma clareira entre os pares ...

rez-vez, se cruzavam, a penetrarem uns nos outros.

Odiavam-se. Quando se abriram, em Alcantara, as oficinas e escolas noturnas, foram os dois colegas. E, esse odio surdo e instintivo, esse mutuo desprezo rancoroso e feroz, estalou, logo ao desabrochar, á pedrada, entre purrias de garotos, no Arco do Carvalhão...

* * *

Mas anos depois numa tarde serena o Antonio, veio da Ribeira, lentamente, até á Esperança, a ladear, corpo a corpo, a Julia Varina. A Julia, morena alta, forte, vinha descalça e negra da descarga do carvão. Os olhos marcados com o vinco preto do pó e do suor, nessa «maquillage» sagrada do trabalho, pareciam maiores, mais quentes, mais desse veludo perturbante e unico que tinha a Julia Varina. E quando ela, ao tombar já da noite, poisou um instante na borda do chafariz a canastra da cabeça, para lavar a cara, o Antonio no escuro apertou-a contra o peito com força e beijou-a sofregamente, doidamente, nos dentes ...

* *

Veio porem um dia em que as sortes militares o levaram. Longe da vista, longe do coração, e a Julia alegre, viva não pensou mais no rapaz — que o dissessem, nas madrugadas violaceas das docas, os moços de bordo ...

E que o dissesse tambem o Joaquim a quem a Julia desinquietára numa terça feira de carnaval, em Cacilhas, levando-o a abandonar a pobre costureirita com quem se juntara—muidinha figura de lagrimas e de sofrimento que acabara num caixãosito que mais parecia de creança, e fôra a enterrar, logo a seguir, pela Paschoa do mesmo ano.

* * *

E, foi á volta, quando o Antonio tocava «num baile das sopeiras» aos Terramotos que deu fé de que a Julia Varina dançava, dengosa e suave a rebolar as ancas — sobre o braço e chegada ao peito do Joaquim dos Santos!

Era um terreiro batido e duro, onde num estrado erguido entre folhas de palmeira e canas verdes a musica tocava á luz estridente de dois bicos de acetilene.

Eram onze horas e o pôvo, embriagado de volupia, pedia ainda que repetissem as «Cartolinhas» ...

A musica recomeçou, mas logo o Antonio, poisou na estante a flauta e dum pulo fez-se ao centro do recinto. E, vá de provocar no rodopio da dança, com um palavrão de arripiar, a Julia Varina. Fez-se uma clareira entre os pares, a musica parou, e de navalha em punho, o Joaquim, cresceu sobre o Antonio, o braço erguido, o olhar terrivel, os dentes cerrados e uma espuma epiletica a marcar-lhe, sinistramente, os cantos da boca ...

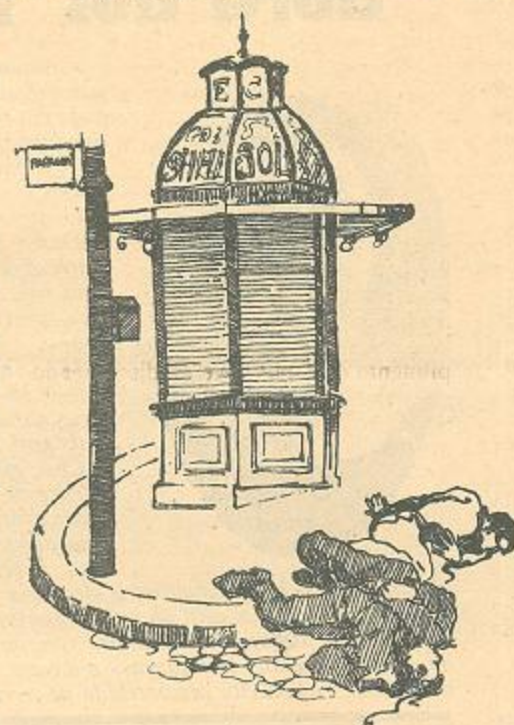
Ouve gritos das mulheres, e a Julia, a expressão dura, palida e ofegante, arfando orgulhosa como uma pequena Cleopatra—estava calada ...

* * *

Esfacelaram-se os homens. Ouve sangue e correrias, e um no Banco do hospital, outro na esquadra dos Terremotos, passaram a noite, inchados e febris.

A Julia, essa, dançou a noite toda, e foi dormir, meia ebria e acompanhada a um catre de pernoitar para as bandas de S. Paulo.

* * *

Passaram-se mezes e uma tarde, na inauguração da Feira de Agosto, na Rotunda o Antonio da ovarina e o Joaquim dos Santos encontraram-se de

O leque mortifero duma metralhadora atirou-os a terra numa poça de sangue...

(Croquis feito no Largo do Rato, dez minutos depos do combate.)

novo. Foi o caso que o primeiro abriu uma barraca de argolas, com grande freguezia e certo luxo. Logo o acaso levou o seu inimigo, de enxurrada com um grupo, até ao balcão, e como quer que a sorte ou a pontaria lhes faltasse toca de protestar que as garrafas estavam empinadas e as argolas tortas, toca de saltar sobre o estrado e rasgar as lonas á navalha partindo de mistura a frascaria de rotulos famosos que empertigada se empilhava em degraus de trono ao fundo da barraca. Nova desordem e de novo o sangue dos rivais se juntou na valeta da Feira de Agosto.

* * *

Só um dia, os dois rivais, se encontraram de madrugada, no Aterro, isolado e triste aquela hora, e o Antonio foi até junto do Joaquim e tocou-lhe no ombro:

— Anda cá-homem, sabes, morreu a Julia ... Venho de a ir ver.

— Morreu?

— Morreu ... E nós, que nos pegámos por aquele estafermo ...

— É verdade... Afinal ó Joaquim, a gente tem passado a vida á pancada — e sabes? —eu não te quero mal. Pelo contrario. Sempre tenho encontrado em ti um homem pela frente. Agora a Julia morta fez-me pena—a gente todos vimos, a acabar naquilo, não vale a pena tanta lucta cá. Fixe — ein? Olha que podes contar comigo, que sou teu amigo; dá cá a mão ...

E, á luz da madrugada que ia rompendo numa nevoa violeta para as bandas do Caes do Sodré, os dois homens abraçaram-se ...

* * *

Desde ali foram sempre amigos intimos. Dinheiro dum era do outro e nunca o Joaquim teve um embaraço sem que encontrasse a seu lado o Antonio da ovarina, amigo certo. Na madrugada de 19, os dois homens tinham estado a jogar numa taberna de S. Bento, ás portas fechadas por causa da tropa. Mas, de manhã, cançados, os dois foram tomar ar.

«E' pà!» — e se nós fossemos ao Rato vêr os «gajos» ...

— E' pá! estás doido — não nas sentes a zenir ...

E'h! já cortas prego ...

— Eu não ... se quizeres vamos ... mas se os «gajos» fazem fogo ponho-me a cavar. E foram. Entraram no largo pela Rua do Rato e dobraram, cosidos com a parede, á esquina do mercado. Ao topo, em S. Filipe Nery, uma vedeta avançada dos revoltosos estacionava tranquila. O sol, luminoso e doirado inundava o terreiro deserto.

Um cão vadiava, um latido, estonteado e coxo duma perna — um tiro talvez. Os dois homens, fumando e lentos avançaram até ao largo central e pararam.

Ao fundo da Rua da Escola, as avançadas das tropas fieis, os marinheiros e a Guarda Republicana, apareciam subindo a rua a peito descoberto. Os de cima rompiam o fogo com uma metralhadora, loucos, desvairados aos primeiros tiros dos atacantes. Os dois homens correram, mas a rajada mortal da metralhadora, como um leque de fogo, cortou-os a meio.

Tombaram os dois de mãos dadas e de joelhos sobre a terra ... Dir-se-hia que nesse momento supremo pediam perdão, perante a Morte — perdão de tão mal terem vivido ...

O Reporter Misterio

Dr. João Ulrich

Por lapso, na nossa 1.ª pagina atribuimos a conferencia da Sociedade de Geografia ao sr. dr. Ruy Ulrich, quando foi seu irmão o sr. João Ulrich quem a realisou.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

As aguias

Os homens que fizeram da heroica e tragica conquista dos ares a sua rasão de ser, os que profissionalisaram tranquilamente, com um sorriso de desdem nos labios, a propria morte — a morte horrivel e misteriosa das alturas inatingiveis — os aviadores — não têm, na vida comum e corrente da terra, a psicologia dos outros homens. E é natural que assim seja. Quem pode ver, de tão longe e a tão distante superioridade, a pequenez imensa da terra; quem sobre a inefavel penugem das nuvens vive, na volupia do perigo, e no despreso continuo da carne e da materia; quem faz a vida a abnegação suprema da existencia normal, calculada, egoista de todos—esse alguem, hade sofrer o delirio perturbante dos seres aparte — e ha que perdoar-lhe em nome do seu sacrificio, a amoral ou estranha conducta do seu caracter e da sua personalidade, que se modelam ao ritmo duma vida que nós outros inteiramente desconhemos . . . O pequeno episodio que se segue não perdôa um crime — tenta, com sinceridade, explica-lo.

Graça era a sua grande amiguinha. Raro era o dia em que ele não trazia um mimo de Lisboa . . .

* * *

Ha cerca de quatro anos, quando a esquadrilha de aviação se instalou nos campos rasos da Amadora, um bando de oficiais—imberbes rapasolas com o sonho do Ar — alugou casas pelas ruasitas da risonha e nova-rica população dos suburbios.

Não poucas familias de oficiais para ali mudaram a residencia e, em pouco tempo, o democratico burgo do bom Santos Matos, que fôra em tempos uma afastada e amiga aldeia e hoje é um bairro da cidade, estava transformado. Os militares deram-lhe logo fôros de importancia, e os oficiais, nos cinemas e no teatro, espetados á procura da burguesinha eterna que será a «esposa do senhor tenente», lançavam os ardentes monoculos sobre as meninas frisadas do arrabalde saloio . . .

* * *

Uma familia tranquila e bôa — a do tenente Sampaio, da administração militar, e adido ao Grupo, foi-se anichar, num pequeno chalet do peor gosto — a *Vila Alzira* — onde só uns potes de barro onde as sardinheiras bravas rebentavam para todos os lados, tinham um pouco de graça e de harmonia.

Marido, mulher, e uma filhinha — Craça, dos seus dez anos — três psicologias, tão diferentes, tão antagonicas, tão pessoais, mas tambem trez corações amigos e bons, ligados por uma mistica e delicadissima ternura.

Reinava no lar a maior e mais feliz tranquilidade. Era daquelas casas onde durante o dia, as janelas semi-cerradas, o asseio irreprehensivel, se ouve num silencio de claustro, o gorgeio fino do canario da casa de jantar e a monotona canção da cosinheira, mais longe, a a arear na varanda o esmalte da louça...

* * *

O tenente Sampaio, da administração militar — era a psicologia do burocrata passivo e metodico. O homem de oculos, que se barbeia todas as manhãs, sereno, irreprehensivel no cumprimento dos seus deveres, disciplinado e honesto, sem ideias novas nem pensamentos grandes, a quem uma nodoa no fato ou uma rasura nas pautas da sua escripta, impressiona tanto como a maior contrariedade.

Destes homens que passam a vida a alinhar cifras, e a quem o caracter, os habitos, os costumes, vão tomando pouco a pouco o aspecto monótono e constante das paginas sempre eguais dos livros «caixa» . . .

Magdalena, a rapariga a quem juntara o seu destino era uma banal filha familia de Lisboa. Mulher séria por natureza, livre um pouco na educação irregular das meninas que lêm Paulo de Koch, e Feuillet, sem principios morais firmes por alguma religião que passe dás visitas da Semana Santa e da Comunhão.

Como esposa, Magdalena provou, nas indolencias do primeiro parto, a sua debil constituição fisica, e ficou depois, na indulgencia do marido com duas creadas e mais entregue aos seus devaneios inofensivos da arte aplicada, esmaltando o estuque da habitação das suas horriveis e bem intencionadas pirogravuras, ou grudando pacientemente em pratos de barro branco bilhetes postais recortados entre escamas brilhantes de corvina . . .

* * *

O alferes aviador Ruy de Castro era o unico intimo da casa. Antigos companheiros do liceu, o alferes e o tenente, embora de temperamentos os mais antagonicos e diferentes, mutuamente nutriam a maior amizade.

Ruy era o estouvado, o audaz, o garoto que na escola vai mais alem dos outros, o que se escolhe para «capitão da barra» o «cabeça» das greves, o da «espera aos professores», o estarola, mas tambem o generoso na victoria, o desprendido do dinheiro e da gloria, o simples, o liberal e o bom...

* * *

A sua grande amiguita era a pequena Graça. Raro era o dia em que o alferes, ao passar para o campo, lhe não deixava com um beijo na testa um mimo trazido de Lisboa. Tinham os dois longas conversas pela estrada fóra, como dois amigos — e a Graça contava-lhe os casos graves da boneca partida, que o rapaz ouvia em silencio, como se um mundo novo viesse daquele olhar casto e doce, e a sua voz referisse em vez dos banais incidentes da sua descuidada infancia, a musica alada e sublime duma celestial orquestra . . .

* * *

Entrou na sala a ultima luz de tarde, como uma pincelada de oiro.

— A mãesinha? preguntou o alferes.

— Não está — disse Magdalena, do pequenino sofá do canto, foi com o pae a Lisboa — o Ruy não os viu na estação?

— Não . . . Magdalena!

— Ruy!

* * *

Esse amôr, antigo, contricto, feroz, vencera tudo ha muito tempo já. Os dois amantes, amavam-se e a sua traição era inteira, em pensamento, havia já muitos mezes. O seu crime, estava ha muito consumado.

E no entanto esse longo e primeiro beijo apareceu-lhes como se de facto nesse momento começassem a pecar...

Nessa madrugada, Magdalena, no delirio do seu amor, escutara todas as promessas de Ruy num valado proximo da casa e recolhia fatigada e criminosa ao deambular da manhã . . .

* * *

Foi passado mezes, uma manhã tambem, que o tenente, esperou até mais tarde em casa.

No scenario espantoso do ceu, aquele tragico combate tinha o quer que fôsse de divino . . .

—Não vais a Lisboa no rapido? perguntou-lhe Magdalena.

—Não. Sabes? — Acordei hoje com vontade de subir. Logo, espero pelo Ruy, vamos voar . . . A tarde deve estar um encanto . . . e uma luz fria esmaltou-lhe o olhar, que ficou fixo, sobre a cabeça leve da pequena Graça . . .

—Tu, subir?

—Porque não?

—Mas é uma loucura . . .

—O Ruy é um bom piloto . . .

—Mas para quê . . .

—Quero ver do alto, bem do alto, tudo isto . . .

* * *

A' tarde, no hangar, Magdalena e Graça assistiram ao levantar do vôo. Ficou uma «écharpe» leve, a acenar cá de baixo, quando o biplano descolou, tranquilo, sobre o ceu de turqueza.

No ar, o ruido do motor, não deixava os dois homens falar. Quando, a muitas centenas de metros, o aparelho voava sobre a barra de Lisbôa, e toda a cumeada de Sintra era uma prega azul que se projectava no fundo claro dos campos da Venteira, o tenente entregou a Ruy uma folha de papel.

Na sua serena grafia de burucrata, sem uma tremura nem uma exitação, havia escripto as palavras seguintes:

«Atraiçoaste-me. Mataste-me e desfizeste o meu lar, a minha vida, a vida da minha filha. Larga a alavanca—morreremos os dois».

O alferes deu um pulo e levantou os braços para protestar:

—Estás louco?

—Não. Vamos, dá o maximo ao motor. Que rebente isto tudo, já!

—Enlouqueceste! . . .

—Nunca vi tão claro o mundo!

—Vá. Vamos morrer. Então, que tem isso?! Tu és um valente! Assim todos julgarão que foi um desastre!

Na terra, se eu te matasse, essa creança seria filha duma perdida, e eu seria ridiculo. Aqui—vez como o mundo é pequeno . . . morremos ao menos por cima de todas as miserias!

E, não poude acabar. Ruy, curvado, desfechara nm revolver no proprio peito—e balbuciou apenas: Salva-te tu, salva-te tu, e perdôa . . .

* * *

Mas, louco, curvado, vergado num tragico «looping-the-loop» o biplano, sem governo, voltou sobre uma aza... Depois, torcido o aluminio, rasgado o leme, um frangalho já, ao sabor do vento, como uma aguia morta, golpeou o ar, e pesado, fardo de arame e pano, arrastando a massa de dois cadaveres, estoirou sobre os penhascos de Sintra em farrapos de lôna ensanguentada . . .

V. S.

EXITO ASSOMBOSO

BAILADOS RUSSOS NO EDEN

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

STRSHNN I: — Meu caro senhor, a arte de escrever cartas amorosas não tem nada de singular. Escreva as maiores barbaridades que lhe vierem á cabeça porque as mulheres não entendem coisa que tenha senso. Fale em fógos de coração, incendios d'alma, labaredas de paixão que elas entendem-n'o logo.

MARINI 1: — Espirito curto embora com aspirações. Opiniões balofas e quasi sempre dos outros. Vaidade. Quer parecer o que não é. Um quasi nada idiota é muito parlapatão. Deve triunfar na vida.

MARINI 2: — Alma nobre mas um pouco piegas. Dado a danças e outras manifestações de amor barato. Equilibrado nos gastos. Um bocadinho de vaidade que não lhe fica mal e correção. Deve ser infeliz no amor.

INOCENCIO COSTA: — A sua caligrafia diz-me que V. Ex.ª é um imbecil muito completo, sem lhe faltar qualidade alguma coerente á estupidez. Meta-se a ministro.

ROSA CHÁ: — Não minha senhora! V. Ex.ª não é má rapariga! Tem defeitos, sim, mas são de pouca monta. A sua caligrafia é clara como a sua alma. Mas não se mostre á pessoa de quem me escreve, tal qual é! Achar sinceridade no amor é matar esse mesmo amor.

LITERATA: — Absolutamente certo. Não aturo senhoras literatas. Estou como o escritor celebre: «Antes um escritor a menos que uma escritora a mais».

LOIRA: — Inteiramente solteiro. Casar, não penso nisso, pelo menos emquanto não encontrar mulher feita que sirva á minha medida e, como isso não é facil, fico celibatario, com o que ninguem perde, nem eu.

GIORDANO 26: — Isso, meta-se com mulheres casadas e depois diga á bengala do marido que não lhe acerte na cabeça! Se o cavalheiro fosse casado, achava bem que outro palerma como você se atirasse á sua mulher?

MULHER FATAL: — Ora tenha juizo, minha senhora! A sua caligrafia diz perfeitamente o contrario! V. Ex.ª é banalissima, sem nada dentro, muito catita para casar com um viuvo em terceira mão.

BRANCA: — Pelo contrario. Gosto até muito, mas por meu azar, todas as mulheres que conheço dão tão más provas que chego a duvidar da existencia de mulheres diferentes.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18 — LISBOA

Barreira de sombra (crónicas tauromáquicas)

Uma entrevista com Segurado

CAÑERO, BELMONTE, ALGABEÑO CHICO, E OUTRAS CELEBRIDADES VIRÃO AINDA ESTA EPOCA AO CAMPO PEQUENO. OS PREÇOS DAS CORRIDAS E AS CONTRIBUIÇÕES

No intuito de fornecer aos aficionados de touradas, leitores do Domingo Ilustrado o que de mais notavel esteja em preparação para a presente epoca, no Campo Pequeno, aproveitei o meu inesperado encontro com o emprezario Segurado, e d'ahi a troca do seguinte dialogo:

— Que temos este ano de notavel no Campo Pequeno? Inquiri.

— Muitos atrativos, entre estes a segunda apresentação de «Cañero» com touros escolhidos, a reaparição do grande «Belmonte»; a segunda apresentação de «Algabeño Chico»; toureando a cavalo, e mais outras corridas em preparação, que não posso divulgar por motivo de sigilio que me foi confiado...

— E os touros?

— Isso é que tem sido a grande dificuldade, devido á falta de pastagens, em se adquirir touros de grande apresentação, mas quanto a bravura, os lavradores garantem os seus curros.

— E diga-me, Segurado, o publico queixa-se do elevado preço dos bilhetes; veja se se pode harmonisar essa cousa, limitando-se os promotores o mais possivel, para não afujentar o aficionado pouco abonado.

— Se bem que eu não tenha que vêr com os preços estabelecidos pelos promotores de corridas com quem colaboro, tenho contudo o dever de, nesse sentido, lhes dar razão, pois que as exigencias de uma corrida de touros, são de tal natureza, que admiro como ainda haja quem arrisque capitaes nesse negocio. Só para contribuições, anda por 45 %, não falando na despeza brutal do restante. Corrida que não encha a casa, é «perdiz» certa... Os «espadas» limitam-se ao sacrificio de não trazer as suas «quadrilhas», e que os prejudica bastante, pelo motivo da exigencia de 15 % sobre a receita bruta, para o Estado; esta contribuição é «pesada». Corrida sem «espada», não enche a lotação, porque o nosso publico acostumou-se a este atrativo e já não o pode dispensar, e ainda mais, tem que ser um «espada» de grande cartel e pago a enorme pezo de pesetas...

Sua Ex.ª mostrou-me com algarismos o custo de uma tourada, presentemente, e com este argumento simplesmente espantoso, fez-me conduzir ao silencio, porque contra factos desta natureza não pode nem deve haver discussões. Conversamos mais sobre diversos assuntos particulares, onde Segurado dispensou os maiores louvores aos nossos artistas, lamentando que estes por vezes lhe abram diticuldades, como há pouco em duas corridas que teve em preparação e que prescindiu de as pôr em pratica por aquele motivo.

Portanto, a presente epoca, vae ser em «cheio» quanto a corridas de grande atração, entrando no numero destas a de hoje com, entre outros artistas, o grande toureiro, presentemente um dos primeiros e mais completos de Hespanha, «Sanches Mejias», e na lide equestre o já notavel cavaleiro tauromaquico Simão da Veiga (filho).

ZÉPEDRO

A corrida de hoje começa ás 5 horas com o seguinte:

PROGRAMA

1.º touro — Rufino Pedro da Costa
2.º » — Custodio Domingos e Agostinho Coelho
3.º » — Simão da Veiga (filho)
4.º » — Espada Sanchez Mejias

INTERVALOO

5.º » — Rufino Pedro da Costa
6.º » — Espada Sanchz Mejias
7.º » — Simão da Veiga (filho)
8.º » — Bandarilheiros

—

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

OS NOVOS

CIUMES?

Ciumes? de quê? de quem?
Se o meu amor é só teu,
Se eu não amo a mais ninguem,
Se o teu amor me prendeu?

Ciumes de quê, tontinha?
Não vês que por me afastar
De ti, de mim se avezinha
O desejo de te amar?

Ciumes d'outra mulher?
Não digas mais minha louca
Que eu nisso só posso ver
Loucuras da tua bôca!...

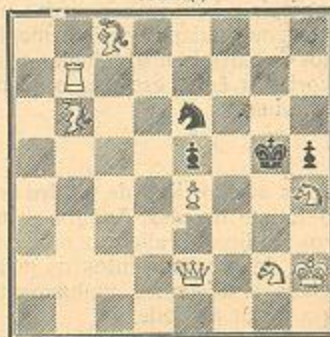
Lisbôa — 1925 ADÃO DE FIGUEIREDO

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 14

Por S. Loyd

Pretas (4)

Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

(CONTINUAÇÃO)

Não deve ser de captura de Pião ou de Peça. Todavia estes cheques e estas capturas são ás vezes usados como unico meio de realisar uma ideia bela ou muito engenhosa e quando originam um grande numero de variantes com fisionomia diferente.

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

REI DO ORCO — Hermano — Zé Branco — Violeta — Carlos Ruivo — Zarita

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 13.

Decifrações do numero passado:

Charadas em frase: Alvadia — Lalino.
Enigma: Melodia.
Enigma pitoresco: Vila Real.

—

CHARADA EM VERSO

(Dedicada á distinta colega "Violeta,,)

Ilustrissima colega,
Queira fazer a finesa
De encontrar n'esta charada
Qual a terra portuguesa — 2
N'uma Beira situada.

E' cidade conhecida...
Nada mais devo dizer;
P'ra tão grande charadista, — 1
Foi demais e devo crêr
E' morta á primeira vista.

Está certa se disser
Que encontrou no dicionario
O conceito ou solução:
Conhecido funcionario
De respeito e graduação.

DEL-FIM

•

CHARADAS EM FRASE

Ao ouvir cantar esta poesia nas margens do rio, lembrei-me logo da minha terra — 2 — 2

AFRICANO

•

Apliquei uma sova no Rosa e no Jacintho por causa do seu feitio adamado — 2 — 2.

BELTRAN

•

ENIGMA PITORESCO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado,,.

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

pagina feminina

Carta de Paris

A pluma de avestruz

SE a moda, para o maior prazer dos olhos, se mostra caprichosa e vária, permanece, todavia, infinitamente fiel a certas frivolidades. E' o caso da pluma de avestruz. Sempre, mais ou menos, as mulheres a usaram; mas ha um tempo para cá é a pluma de avestruz particularmente apreciada. E' verdade que nenhum outro adorno poderia substitui-la.

Com efeito, a pluma d'avestruz pode, consoante a maneira como é trabalhada e disposta, guarnecer tão bem vestidos, como casacos, como chapeus ou frivolidades. A sua grande voga começou aplicada sobre as saias, nas quaes, disposta em folhos, ela esvoaçava aerea e encantadora.

Depois, vimo-la nas golas e outras aplicações das sahidas de teatro, que ficavam assim, graças a ela, divinamente enriquecidas. Eis agora que ela conquistou a moda a seu favor. Sobre dez chapeus das grandes modistas parisienses, pelo menos seis são guarnecidos com plumas de avestruz. Mas como era preciso que esses chapeus podessem usar-se facilmente a toda a hora, dá-se um geito á pluma para que ela perca a sua sumptuosidade. Assim vê-se que ela é transformada, segundo os casos, em galão, em fita, em flores, em ázas... E' então colada e forma, por assim dizer, um delicado tecido. Na forma natural, á antiga, a pluma de avestruz é reservada nos chapeus «habillés», Nenhuma outra guarnição poderia sêr, para eles, nem mais luxuosa, nem mais leve. Faz-se tambem muita avestruz glycerinada. Sob esta forma, aparece muito fina e faz pensar na franja de seda. De mais, como as leitoras sabem, a pluma tem a vantagem de se poder tingir maravilhosamente. Obtem-se com ela coloridos duma harmonia perfeita. A avestruz preta continua a usar-se sempre para as cerimonias, quer seja empregada natural — ou interpretada em fantasia. Mas para as proximas «toilettes» estivaes, as côres escolhidas serão mais amaveis. Assim, vêr-se-ha muitas plumas em côr de cyclomen, de fuchsia, de azul-turqueza e de amarelo canario.

***

Antes de encerrarmos esta noticia sobre a pluma de avestruz, precisamos ainda dizer uma palavra do seu papel no mobiliario. Ela acaba de fazer nisso a sua entrada triunfal, lançada por decoradores reputados. Ei-la aplicada, em franja, ás cortinas dos «boudoirs». Substitue vantajosamente os galões doiro e mesmo os de seda, pois é muito mais feminina. Ei-la tambem transformada em grandes almofadas, que se deixam cahir sobre o divan basico, com aspectos fatigados e graciosos; ei-la transformada em «abat-jour»... o seu emprego é então particularmente feliz, porque ela véda com mais delicadeza do que todas as outras coisas empregadas, a luz demasiado crúa das lampadas electricas. Ei-la, emfim, lançada sobre o leito elegante, representando o papel do édredon... E não pode imaginar-se nada de mais seductor do que essas longas plumas brancas, rosa, malva em azul-celeste, entremeiadas com as finas rendas dos lençoes.

Em verdade, a pluma de avestruz tem empregos variadissimos e todos muito felizes. O seu reino não está, pois, prestes a acabar.

Casamentos rapidos

Na Inglaterra e na America já ha muito que se faziam casamentos com extrema facilidade. Parece, porém, que isso não é nada comparado com o que se pratica agora na Russia.

Com efeito, parece que a legislação sovietica, segundo informa um jornalista inglez, simplificou singularmente as formalidades do casamento.

Um par desejoso de casar-se não tem senão que dirigir-se á mais proxima repartição de casamentos, acompanhado de duas testemunhas. Uma empregada faz uma ficha; Nomes, apelidos, profissão? Quantas vezes tem já casado? Viverão juntos ou separados? Usarão o nome da mulher ou do marido?»

E é tudo. Os noivos estão legalmedte casados e a coisa não lhes custa senão um rublo. Poderão, de resto, divorciar-se com a mesma facilidade na semana seguinte, se isso lhes der na gana. Bastará voltarem á mesma repartição e invocarem um motivo qualquer... Mas para o divorcio a coisa custa mais caro: terão de pagar trez rublos!

A proposito de pós d'arroz

O uso do pó d'arroz popularisou-se por tal forma entre o elemento feminino, que não são apenas já as senhoras que o usam. Podem bem dizer-se que poucas mulheres o não usam, excepção feita da gente do campo e d'uma ou outra creatura que tem o preconceito disparatado de nada usar no rosto para o alindar.

Ha, porém, na maior parte das senhoras ideias muito falsas sobre a qualidade e o efeito dos pós d'arroz. Assim, muitas senhoras exigem que o pó que usam seja fortemente aderente, por forma que lhes cubra a pele, ou como vulgarmente se diz, caiando-a.

E' um erro. Comprehende-se isso no teatro, onde as atrizes necessitam dar certos efeitos e onde, de resto, a luz do palco lhes daria um aspecto cadaverico se se apresentassem na sua côr natural. Mas na rua isso é d'um mau gosto horrivel.

Mas não é só isso: por via de regra, os pós bastante aderentes são inferiores como qualidade, pois que para que sejam bons e aderentes é necessario que sejam caros. Levar-nos-hia muito longe a demonstração d'isto, mas é a exacta verdade.

De mais, o pó fortemente perfumado irrita a pele e por isso os bons pós, aqueles que são feitos com escrupulo e não apenas para lisongear a ignorancia do publico feminino, são perfumados delicadamente.

As nossas leitoras têm á sua disposição dois tipos de pó d'arroz que podem ser considerados—e é facil proval-o—como ideaes, perfeitos, completos. Como tipo de pó para uso corrente, um tanto aderente, o bastante, perfumado com discreção, finissimo, o «Pó d'arroz Marya». Não encontram melhor no genero. Como tipo de pó d'arroz de luxo, impalpavel, pura nuvem, branqueando «sem se conhecer» ou se dar pela sua existencia, deliciosamente perfumado, a «Velutina Balsamica Marya.»

Na sua confecção empregam-se as mesmas materias-primas que são empregadas pela casa Coty, compradas rigorosamente nas mesmas procedencias, como se pode provar com documentos, sendo o sistema de fabricação o mesmo, o mais aperfeiçoado, pois as maquinas foram adquiridas na mesma casa.

Não é preciso, pois, recorrer a productos extrangeiros, para usar pó d'arroz de toda a confiança. Ponto está em que não se deixem iludir com reclames falsos ou imitações fraudulentas.

A NOSSA GRAVURA

Conselhos de decoração

Um rosto radiante de felicidade não é um rosto que se expande, que parece luminoso, trasbordante? Não ha nisto uma simples metaphora: ha uma realidade. Todo o objecto que brilha, que fére vivamente o olhar, trasborda sobre o fundo mais escuro: impõe-se, expande-se, parece maior do que a sua exacta dimensão. Eis aqui um exemplo incontestavel nos dois quadrados juntos. São ambos da mesma superficie; um é branco, manchado por um quadrado interior negro; o outro negro, aberto por um quadrado interior branco, egual ao quadrado negro. Olhae um e outro, sem ideia preconcebida, guiando-vos apenas pela vossa impressão visual: o quadrado interior branco alarga-se sobre os seus lados, parece maior do que o quadrado interior negro, o qual é amesquinhado pelo seu caixilho branco.

Apliquemos esta observação ao mobiliario.

Aqui temos, dum lado, a aplicação do mobiliario escuro destacando-se sobre o fundo branco; secretaria, cadeira, psyché, escuros, destacam-se sobre as paredes claras e o tapete claro diminuindo de volume. Estes moveis parecerão mais pequenos do que na realidade o são.

Do outro lado, eis os mesmos moveis em branco, no fundo escuro: são luminosos, alargam os seus contornos pela irradiação, «comem» a tapeçaria e o tapete escuro. parecem mais vastos do que na realidade são.

Comparem estes dois cantos de mobiliario, identicos nas dimensões, mas nos quaes os brancos e os negros são inversos, e vereis que modificação de proporções se pode obter com este simples reparo.

Eis aqui um processo rapido e economico para aumentarmos ou reduzirmos o volume do mobiliario.

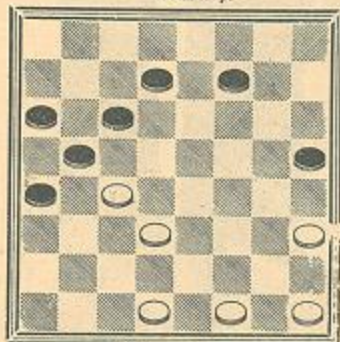
CELIMÉNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 13

	Brancas	Pretas
1	3—8	12—3
2	23—27	?
3	11—16	?
4	?—31 (D)	?
5	31—13—2—20—27—18—9	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 14

Pretas 7 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Os ultimos acontecimentos Revolucionarios

ASPECTOS DA REVOLTA MILITAR EM LISBOA

SUA EX.ª O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, AO ABANDONAR O QUARTEL DA GUARDA REPUBLICANA NO CARMO, EM PLENO BOMBARDEIO DAS TROPAS REVOLUCIONARIAS, PARA SE DIRIGIR Á CIDADELA DE CASCAIS ONDE AGUARDOU A TERMINAÇÃO DO CONFLITO MILITAR. VÊ-SE NO «CLICHÉ» O TENENTE DE MARINHA ARANTES PEDROSO.

AS PRIMEIRAS VEDETAS DOS REVOLUCIONARIOS, Á ESQUINA DA RUA MARQUEZ DA FRONTEIRA MOMENTOS ANTES DO ATAQUE DAS FORÇAS GOVERNAMENTAIS NESTE ENCONTRO FICARAM MORTOS OS DOIS SOLDADOS DE SAPADORES MINEIROS SENDO UM DELES O QUE ESTÁ DE COSTAS JUNTO DA METRALHADORA.

A entrada do acampamento revolucionario. A revista passada a um jornalista pelas patrulhas avançadas.

Antes do combate revolucionario, no acampamento da Rotunda. O comandante Filomeno da Câmara, com alguns oficiais de artilharia, fuma distraidamente deante da nossa objectiva.

Momento em que a cavalaria da Guarda Republicana, em carga serrada avançou pela Rua Marquez da Fronteira, debaixo de tiroteio tomando o alto da Rotunda.

PUBLICIDADE

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A ULTIMA AVENTURA DA LEGIÃO VERMELHA

O assalto ao Bristol Club

O Bristol Club, que é o maior e o mais bem frequentado club lisboeta e cujas instalações admiraveis são na Rua Eugenio Santos foi vitima dum assalto. A' sua porta morreu o bombista Ramos e ficou gravemente ferido o porteiro da casa. Os assaltantes que intimaram este a ir buscar dinheiro ao primeiro andar, responderam á negativa, a tiros de pistola.